

VISÃO DO CORREIO

Cada vez mais distante do Acordo de Paris

O dia 12 de dezembro de 2015 entrou para a história do combate ao aquecimento global. Naquela data, chefes de Estado de 195 países assinaram o Acordo de Paris e se comprometeram a adotar medidas voluntárias para limitar o aumento da temperatura do planeta à faixa de 1,5°C. Desde então, em cada conferência das Nações Unidas sobre o meio ambiente, o tema volta a ser discutido para que, enfim, medidas práticas sejam implementadas.

Na COP30, em Belém, o Brasil se posiciona ao lado da concretude, como país-sede. Deu ao encontro o nome de “COP da implementação”, um claro sinal de que vai articular para tirar do papel promessas anteriores. Na prática, porém, desafios se impõem. O Acordo de Paris ainda está muito longe da realidade. Pior: sequer faz parte da pauta prática da COP30. Não há previsão de uma mesa de discussão para se chegar a um novo parâmetro, já que a limitação do aquecimento global a 1,5°C parece um objetivo inalcançável no momento.

Apesar de ser um marco, o pacto assinado em 2015 ainda encara muitos desafios, sobretudo na esfera econômica, já que o uso de combustíveis fósseis está no centro da discussão. Nesse sentido, o Brasil também é alvo de críticas. Como país emergente e dono de uma das matrizes energéticas mais sustentáveis do mundo, a discussão sobre a exploração do petróleo na Margem Equatorial, na Região Norte, vai na contramão das medidas necessárias para se cumprir o acordado em Paris.

O contexto há também de ser considerado. A cada cúpula sobre o meio ambiente, diplomatas, ministros e chefes de Estado chegam à conclusão de que a “geo-política está muito ruim”. Desta vez, o cenário se mostra ainda mais desafiador.

Como pautar uma nova discussão, com implementação de medidas concretas sobre o Acordo de Paris, se os Estados Unidos, segundo maior emissor de gases do efeito estufa, sequer participa ativamente da COP em andamento?

Além disso, a invasão da Ucrânia pela Rússia e os ataques de Israel contra a Palestina e o Líbano impõem um panorama de instabilidade, marcado por divergências entre os países. Vale lembrar, ainda, da guerra tarifária criada por Donald Trump, como ferramenta para reposicionar os EUA geopoliticamente. São desafios que parecem grandes demais até mesmo para o Brasil, um país historicamente conhecido pelo seu papel conciliador nas relações internacionais — assim como a França, genitora do acordo de 2015.

As medidas concretas contra o aquecimento global dependem do envolvimento das maiores economias do planeta. A transição energética precisa ser comandada por quem tem melhores condições financeiras para fazê-la. É claro que todos os países podem ajudar nesse processo, mas cabe às maiores economias a principal responsabilidade.

Toda discussão gira em torno das chamadas Contribuições Nacionalmente Determinadas (NDCs). O último Relatório sobre a Lacuna de Emissões, divulgado pela ONU em 2024, mostra que são necessárias reduções de 42% na emissão de gases do efeito estufa até 2030, e de 57% até 2035, para se chegar à meta de aquecimento global de no máximo 1,5°C, estabelecida em Paris. Caso novas NDCs não sejam costuradas e colocadas em prática, as Nações Unidas preveem um aumento entre 2,6°C e 3,1°C ao longo deste século — um dano sem precedentes para a biodiversidade. É hora de olhar para o elefante na sala.



RODRIGO CRAVEIRO
rodrigo.craveiro@gmail.com

Eles negam o inegável

O negacionismo soa como atestado de ignorância mesclada a insensatez. Encontra campo fértil nas redes sociais, onde se nutre das fake news e de visões reducionistas e estereotipadas do mundo. O negacionista é cético não por convicção, mas por influência de uma massa de manobra que prefere agir de forma desarrazoada a perceber que serve a interesses alheios. Os antivax, por exemplo, agarram-se a uma crença sem qualquer base sólida ou comprovação empírica. Acreditam numa verdade que apenas lhes convém, ainda que tal crença lhes custe a própria vida. Convencem-se de que a vacina mina o sistema imunológico ou acarreta doenças, quando é exatamente o contrário que ocorre.

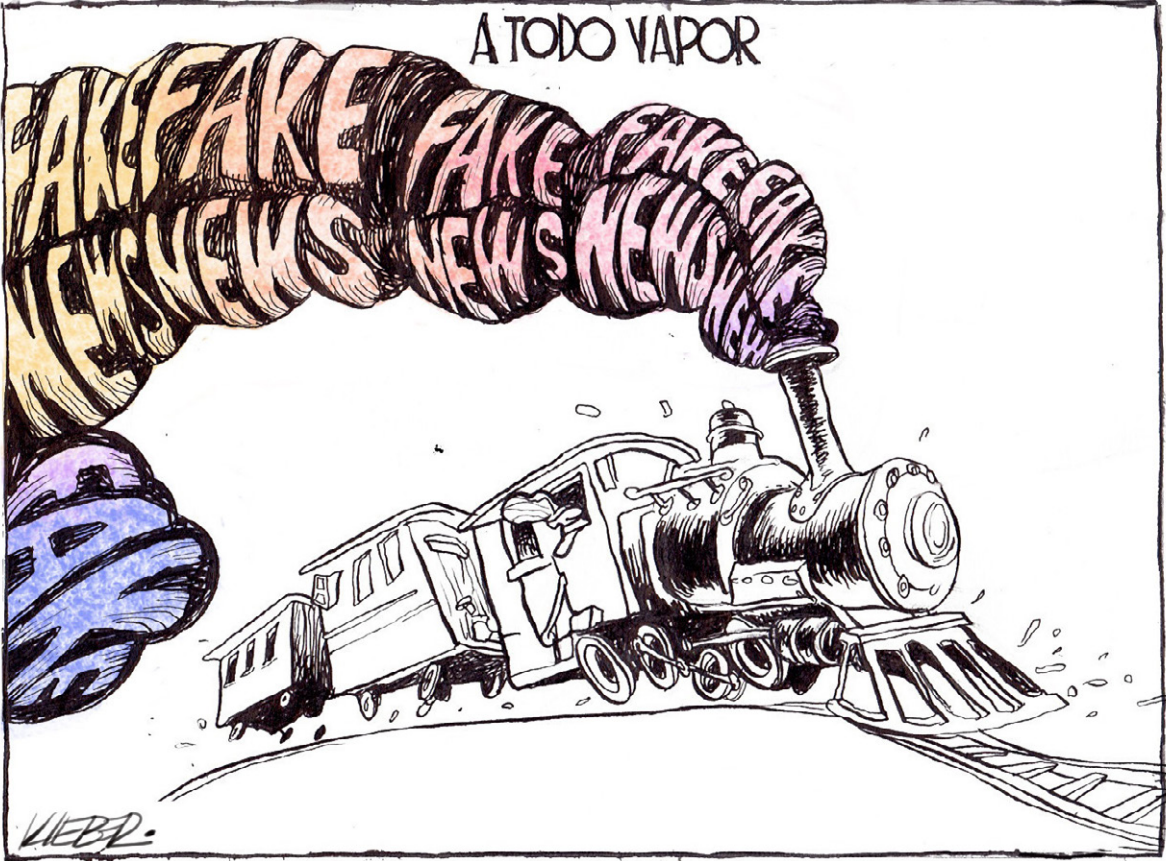
Um certo ex-presidente condenado chegou a propalar em alto e péssimo som que a imunização contra a covid-19 poderia infectar a pessoa vacinada com o HIV, o vírus causador da Aids. Durante a pandemia, preferiu agir como garoto-propaganda da ivermectina e da cloroquina — comprovadamente ineficazes contra o coronavírus — a acelerar a compra dos imunizantes. Agiu como caixa de ressonância do negacionismo. Quantas pessoas não morreram por acreditar em suas inverdades?

O negacionismo climático é outro vilão da ciência e do bom senso. Muitos preferem colocar uma venda nos olhos e defender com veemência que as mudanças climáticas não passam de alucinação ou utopia. Preferem, uma vez mais, ignorar evidências científicas. Também não se atêm ao fato de que eventos climáticos extremos se tornaram cada vez mais comuns. O que aconteceu em Rio Bonito do

Iguaçu (PR), na semana passada, era algo impensável no Brasil: um tornado matou sete pessoas, feriu 700 e arrasou com 90% do município. Atribuir essa catástrofe a um infortúnio soa como cinismo barato.

O maior negacionista climático chama-se Donald Trump, também presidente da maior nação poluidora do planeta. Ao priorizar a sanha pelo lucro à preservação ambiental, o Tio Sam coloca um atestado de culpa pendurado na cartola ou na testa. A ausência de Trump da COP30, em Belém (PA), indicou o desprezo pelas mudanças climáticas e a falta da mínima vontade de autorresponsabilização. Durante toda a campanha eleitoral, o republicano defendeu, sem o menor dos pudores, a política de perfurar poços de petróleo.

Um terceiro tipo de negacionista é o histórico. São aqueles que cultuam a ditadura, sonham com um regime de exceção e idolatram torturadores como o coronel Brilhante Ustra. Tudo (passem!) em nome da liberdade de expressão (?). Viúvos e viúvas dos anos de chumbo no Brasil, mas também gente que nem tinha nascido e, por fanatismo político, passou a defender o indefensável. A vacina contra o negacionismo é a informação. Não aquela despejada a esmo nas redes sociais. Mas a profissional, garimpada pelo jornalismo comprometido com a ética e com a busca pela verdade. Apenas a disseminação de fatos pode deter a propagação de fake news e salvar a sensatez. Não é questão da inclinação política, mas de sobrevivência. Negar o inegável é convite ao suicídio.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Tornado

Considerando que deputados federais e senadores podem apresentar emendas ao Orçamento, recomendo que apresentem emendas orçamentárias em favor do município de Rio Bonito do Iguaçu, no Paraná, destruído na recente tragédia provocada por tornados. Nem que para isso tenham que rever e adequar emendas já apresentadas.

» **Milton Cordova Junior**
Vicente Pires

Ceilândia

A liberdade deixa de ser um direito e vira um risco quando o medo se torna rotina. Os moradores de Ceilândia reivindicam o direito de andar pelo centro da cidade com segurança. A violência começa com a indiferença institucional, que permite que o crime floresça.

» **Pacelli M. Zahler**
Sudoeste

Inocentes?

Se alguém é acusado de praticar crime e são encontradas provas concretas do ato, esse alguém poderá ser condenado. Provas concretas não vêm de conversa fiada, vêm de investigações sérias, feitas com responsabilidade. Os condenados pelo ato golpista de 08 de janeiro de 2023 alegam inocência e que sofreram perseguição. Seus seguidores, que já estão com a cabeça feita, gritam para os quatro cantos do mundo a mesma “ladainha”. A todos esses senhores foi garantido o direito à ampla defesa, conforme previsto no Art 5º, inciso LV, da Constituição Federal. Por que será que os melhores advogados do Brasil não conseguiram livrá-los da condenação? Inocentes que nada! O choro é livre.

» **Jeovah Ferreira**
Taquari

Crime organizado

Colocaram para relator da PEC do crime organizado um sujeito que quer afastar a Polícia Federal das operações contra as facções. A PEC da Bandidagem ganhou roupa nova. Essas alterações propostas são absurdas! Como ficam as operações realizadas simultaneamente em vários estados? Tem que pedir autorização a todos os governadores? Até na Carbono Oculto houve fuga dos chefões, por vazamento. Imagine o que não irá ocorrer com governadores e subordinados!

» **Vivian Jamur**
Brasília

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Medo no centro de Ceilândia: na verdade, a população de Brasília e de todo o Brasil vive com medo ante a ode de crimes que assola o país.

Marcos Paulino — Vicente Pires

Universos paralelos realmente existem? Para o GDF, sim. O governador considera o Distrito Federal como referência em segurança pública.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Moradores do centro de Ceilândia relatam insegurança, abandono e violência. Isso é em Brasília toda. Medo, muito medo. Nem em casa há tranquilidade!

Ricardo F. Melo — Brasília

Esforços e compromissos para transformar: na natureza nada se cria, tudo se COP...

Vital Ramos de Vasconcelos

Júnior — Jardim Botânico

pão... Vamos com calma, gente. O Natal está chegando. Você se comportou direitinho este ano?

» **Wallace Felipe Ferreira da Silva**
Asa Norte

Pelé X Neymar

Pelé e Neymar representam dois tempos do futebol brasileiro. Pelé, considerado o maior jogador da história, destacou-se pela eficiência, visão de jogo e pelo poder de decisão. Atuando em condições precárias, conquistou três Copas do Mundo e mais de mil gols, sempre com disciplina e sem grandes polêmicas. Neymar, em contraste, simboliza o futebol moderno: técnico, criativo e altamente midiático. Seu talento e estilo chamam atenção, mas a fama e o sucesso financeiro trouxeram desafios inéditos. Hoje, com a carreira estabilizada e a motivação em declínio, o craque parece distanciar-se dos gramados. Para os torcedores, é triste ver um talento tão brilhante se apagar enquanto ainda poderia encantar o mundo.

» **Gilberto Pereira Tiriba**
Santos (SP)

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM
			R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine (61) 3342.1000 – Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anuncie Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2586 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo – CEP: 70610-901 – Brasília – DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1588.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br